

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS E O PERCURSO DA DIALECTOLOGIA PORTUGUESA

Rui Dias Guimarães

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro /Centro de Estudos em Letras – CEL-
rguima@utad.pt

RESUMO

O tema do estudo é o percurso da dialectologia portuguesa a partir de José Leite de Vasconcelos (1858-1941). O problema que formulamos, consiste em detectar algumas fontes que lhe serviram de apoio e distinguir parte do seu legado dialectológico e filológico. Delimitamos este problema à **área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos, e o galego** (1993).

O Dialecto Mirandez (Vasconcelos, J. L.:1882) costuma ser apontado como o início da sua investigação em filologia, posteriormente aprofundado em dois volumes, e os estudos «dialectos transmontanos» publicados na *Revista Lusitana*, em 1890-1892 e em 1895. Segundo alguns autores, Leite de Vasconcelos foi o fundador da dialectologia científica portuguesa. Em termos de fontes que cita, detectam-se as *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina*, de Dom Jeronymo Contador de Argote, publicado em 1725 e o *Vocabulário Português Latino* (1712-1722) de Dom Rafael Bluteau (1638-1734) e Faria y Sousa (1590-1649) os primeiros citados em *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Vasconcelos, J. L.: 1901) e o último em *Opúsculos vol. VI* (Vasconcelos, J. L.: 1985). Na *Carta Dialectológica de Portugal Continental* (1894) Leite de Vasconcelos distingue diversos dialectos do português europeu e em *Esquisse D'une dialectologie portugaise* (1901) acrescenta-lhe os «dialectos insulares», «os dialectos do ultramar», os dialectos crioulos» e o «português dos judeus» e mantém os «codialectos portugueses». No *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (1929) dentro do «dialecto de Trás-os-Montes» distingue três variedades: Peso da Régua, Alijó e **Boticas** (Barroso). Posteriormente, outros estudos com informação dialectal possibilitaram estudos linguísticos sobre o dialecto barrosão (Guimarães, R.:2002) na retoma do legado de indícios de Leite de Vasconcelos.

Palavras – Chave: Variação linguística, dialectologia, dialectos, falares, filologia.

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS AND THE TRAJECTORY OF PORTUGUESE DIALECTOLOGY

Rui Dias Guimarães

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras – CEL

rguima@utad.pt

ABSTRACT

The subject under study is the trajectory of Portuguese dialectology starting from José Leite de Vasconcelos (1858-1941). The problem we are concerned with in our survey of part of the enormous output of this Author is how to determine some of the sources which served as his support and to point out part of his legacy in dialectology and philology. We have limited the study of this problem to the **area of the dialects of Transmontano, Alto-Minhoto and Galego** (1993). *O Dialeto Mirandez* (Vasconcelos, J.L.:1882) is usually indicated as the beginning of his research in philology, which was later upgraded into two volumes, and in the studies of the “Transmontano dialects” which appeared in the *Revista Lusitana*, published in 1890-1892 and in 1895. According to some authors, Leite de Vasconcelos was the founder of Portuguese scientific dialectology. Going by sources cited by him, one can detect *Regras de Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina*, by Dom Jeronymo Contador de Argote, published in 1725, and the *Vocabulário Português Latino* (1712-1722) by Dom Rafael Bluteau (1638-1734) and Faria e Sousa (1590-1649), the former in *Esquisse d’une dialectologie portugaise* (Vasconcelos, J. L.:1901) and the latter in *Opúsculos* vol. VI (Vasconcelos, J. L.:1985). In the *Carta Dialectológica de Portugal Continental* (1894), Leite de Vasconcelos distinguishes various dialects of European Portuguese, and in *Esquisse d’une dialectologie portugaise* (1901), he adds the “insular dialects”, the “the overseas dialects”, the “creole dialects” and the “Portuguese of the Jews”, while maintaining the “Portuguese co-dialects”. In the *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (1929), within the “dialects of Trás-os-Montes”, he distinguishes three varieties: *Peso da Régua*, *Alijó* and **Boticas** (Barroso). Later, other studies provided dialectal information on the Barroso dialect (Guimarães, R.:2002), in the wake of the Leite de Vasconcelos legacy of traces.

Key Words – Linguistic variation, dialectology, dialects, accents, philology.

1. INTRODUÇÃO

Considerando a variação linguística, é reconhecido praticamente por todos os investigadores desta dimensão de uma língua viva, a importância de notáveis linguistas de âmbito mundial, como por exemplo Eugénio Coseriu, entre outros. Dele se citam conceitos nas mais variadas investigações, como, por exemplo, o conceito de dialecto.

Esquece-se, por vezes, a nossa própria tradição na investigação linguística deste ou outros conceitos e o grande contributo de investigadores no passado para estudos do presente e, provavelmente, do futuro. Entre outros, cabe um destaque especial a José Leite de Vasconcelos, e sobre ele teceremos algumas simples palavras.

Leite de Vasconcelos era beirão de nascimento. Nascido muito próximo da fronteira sul da **área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos** (Cintra e Rei:1993) portanto, com conhecimento científico e empírico de algumas particularidades dialectais que pretendemos tratar. Nasceu na localidade de Ucanha, Mondim da Beira, a 7 de Julho de 1858, e viria a falecer em Lisboa, a 17 de Maio de 1941.

Como Autor de obra vastíssima, é considerado um linguista, filólogo e etnógrafo. Seria pretensiosismo exacerbado da nossa parte tentar sequer abordá-la na sua plenitude. Licenciou-se em Ciências Naturais, em 1887, e em Medicina, em 1886.

O problema que formulamos na abordagem de parte do legado filológico e linguístico de José Leite de Vasconcelos (1858-1941) claramente assenta as suas raízes no âmbito da dialectologia portuguesa e, entre a vastíssima obra deste notável Autor, considerado um sábio de finais do séc. XIX e meados do séc. XX, apresenta claramente os seus contornos delimitados nos conceitos de dialecto e falar, linguagem popular e variação diatópica. Inerentes ao problema são também os investigadores que precederam Leite de Vasconcelos, fontes mais antigas onde bebeu, por um lado, e indícios ou pistas que nos legou, por outro, ou mesmo as oscilações, ao longo do tempo, por diferentes especialistas.

Deste modo, evidencia-se o claro propósito da recolha dados no terreno e o seu tratamento linguístico e dialectológico, delimitando este problema, dada a sua grande extensão, à **área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos, e o galego** área como viria a ser posteriormente definida por Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza), em 1993.

Mesmo assim, a área dialectal que elegemos é muito vasta e, nesta matéria, muito rica, pelo que se torna necessário ganhar mais em profundidade do que em extensão e restringirmo-nos a uma sub-região que dela faz parte - a região de Barroso.

Por outras palavras, os sinais e indícios fornecidos por Leite de Vasconcelos para a existência de uma personalidade linguística própria na região de Barroso, parte da área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos e transfronteiriça com a Galiza.

Um olhar virado para o passado onde Leite de Vasconcelos bebeu conceitos, e outro para o futuro, onde antevira variações diatópicas pertinentes do português europeu, ainda que ao de leve, sem aquela profundidade que todos reconhecem em relação ao mirandês. Mas tornou possíveis investigações posteriores e ainda ficam alguns sinais por ele marcados para investigações futuras, sobretudo nas regiões marginais ao rio Douro.

Como trabalho prévio, elegemos o estudo do seu início como filólogo, seguindo as pistas por ele apontadas, de autores pertinentes que o antecederam.

É para nós particularmente interessante ter sido a área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos - onde esta Universidade se encontra inserida - a eleita por Leite de Vasconcelos para dar os primeiros passos como filólogo. Algo que nos motiva e anima para estudos do género, deste mosaico cultural e linguístico por muitos apontado, em conjunto com a Galiza irmã, como o berço da Língua Portuguesa.

Assim, o estudo *O Dialecto Mirandez* (Vasconcelos, J.I.:1882) costuma ser apontado como o início das suas investigações em filologia. Dedicado ao filólogo e grande homem de cultura que foi Adolfo Coelho o que também se reveste de certa importância, como iremos constatar. Seguem-se os estudos «**dialectos transmontanos**», publicados na Revista Lusitana - por si fundada em 1889 - publicados em 1890-1892 e em 1895.

O primeiro arrojado estudo sobre o mirandês, ainda embrionário, seria posteriormente aprofundado pelo Autor em dois volumes os *Estudos de Filologia Mirandesa* (Vasconcelos, J. L.: 1900-1901).

Dentro da sua honestidade intelectual e demonstrando a sua grande modéstia, Leite de Vasconcelos aponta o fascículo único *A língua portuguesa. Phonologia, etymologia, morfologia e syntaxe*, escrito por Adolfo Coelho, em 1868, como o início da filologia científica portuguesa. Contudo, este fascículo indica algumas variações dialectais do português e está muito longe da profundidade leiteana. Contudo, tem a sua importância dentro do nosso trabalho prévio.

Não devemos ignorar que Leite de Vasconcelos fundou, em 1895, a revista *o Arqueólogo Português* e, em 1893, o Museu Etnológico de Belém, tornando-se autor de bibliografia vastíssima.

Doutorou-se na Universidade de Paris com a tese *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901), considerado o primeiro estudo de conjunto da variação diatópica do português e de dialectologia, continuado posteriormente por Manuel de Paiva Boléo e Lindley Cintra.

É apontado, por muitos dos investigadores da língua portuguesa e dos seus dialectos, como um dos maiores estudiosos da dialectologia científica em Portugal.

Legou preciosas **pistas** que se tornaram pontos de partida para posteriores estudos de investigadores e, em nossa opinião, outros que ainda surgirão.

É um desses aspectos que nós pretendemos abordar. Por duas simples razões: a primeira, pela imensa obra variada de José Leite de Vasconcelos e a segunda por ter fornecido os primeiros indícios da especificidade dialectológica da região barrosã, o que é inegável.

Como afirma na introdução de *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, publicada como tese de doutoramento em filologia na Universidade de Paris, em 1901, o seu trabalho de pesquisa de materiais dialectológicos remontam pelo menos a 1881, ou seja, vinte anos antes. Tenta dar conta do que existe neste domínio e também abrir portas para posteriores estudos mais aprofundados, como, de facto, aconteceu.

Considera três grandes épocas principais do português que designa por pré-histórico, proto-histórico e histórico. A primeira prolonga-se até ao séc. IX – os primeiros documentos latino-portugueses, a segunda, do séc. IX até aos séc. XII-XIII que incluem o galego-português e o português antigo, muitos documentos recolhidos em *Portugaliae Monumenta Historica*, publicada pela Academia Real de Ciências de Lisboa, recolha iniciada em 1856; e a partir do séc. XIV, com variações, o português verdadeiramente histórico.

Ainda como trabalho prévio, em termos das fontes de Leite de Vasconcelos, é a observação das *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Lingua Latina*, de Dom Jeronymo Contador de Argote, publicado em 1725, particularmente o capítulo I da «Quarta Parte da Grammatica Portugueza», dedicada aos dialectos da língua portuguesa,

E também *O Vocabulário Português Latino* (1712-1722) de Dom Rafael Bluteau (1638-1734) ambos citados por Leite de Vasconcelos em *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (1901) acerca do conceito dialecto, considerando a variação da língua portuguesa, e Faria y Sousa (1590-1649) *Epitome de las historias Portuguezas* (1628) sobre as especificidades dos dialectos transmontanos já detectadas nesse tempo.

Evidenciamos a retoma de investigações precedentes de Leite de Vasconcelos e por ele referidas; por um lado, e os sinais ou indicações por ele escritas como legado, tão vastas mas cujos contornos nós limitamos ao barrosão, seja a nível lexical ou fonético-fonológico, comparando, nesse domínio, com as abordagens de outros investigadores.

Pensamos contribuir para que as investigações da grande variação linguística da língua portuguesa prossigam, e da própria cultura dos povos, a nível geral, ou com particular incidência na área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos, seja no domínio da dialectologia ou da

etnolinguística, distinguindo as principais linhas orientadoras precedentes e retomadas dos mestres, e a sua evolução para o futuro ou estudos actuais, particularmente neste momento histórico da afirmação da dialéctica do saber global e do saber local, no âmbito do que Eduardo Lourenço apelida de *Via Láctea da Lusofonia* (1993).

2. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS E A DIALECTOLOGIA CIENTÍFICA EM PORTUGAL

Antes da elaboração e publicação de *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (Vasconcelos, J. L. de: 1901), que resultou de uma tese de doutoramento em Filologia Românica, apresentada na Universidade de Paris, afirma que o seu estudo resultou da recolha de materiais dialectológicos em Portugal. Recolha que remontava, pelo menos, a 1881, portanto, 20 anos de pesquisas. Mesmo assim, confessa, na humildade que é apanágio dos sábios: “je ne puis prétendre posséder aujourd'hui tous les éléments nécessaires pour publier un travail définitif.”.(Vasconcelos, J. L. de:1901, 7).

Leite de Vasconcelos aponta o fascículo único *A língua portuguesa. Phonologia, etymologia, morfologia e syntaxe*, escrito por Adolfo Coelho, em 1868, como o início da filologia científica portuguesa. Contudo, Maria Adelaide Valle Cintra, afirma, na terceira edição de *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, publicada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, em 1987, que Leite de Vasconcelos foi o “fundador da dialectologia científica em Portugal”, opinião que também partilhamos.

Para a enorme desenvoltura deste precioso trabalho de conjunto, e o seu pioneirismo em Portugal, estamos em crer que em muito contribuíram as aulas frequentadas no curso de filologia na Universidade de Paris, como afirma, “dans ce domaine, j'ai donné préférence à la dialectologie portugaise, parce qu'ainsi ce sujet sera traité pour la première fois dans son ensemble” (Idem, *ibidem*).

Em *Esquisse D'une Dialectologie Portugaise* (Vasconcelos, J. L. de: 1901), Leite de Vasconcelos começa por inscrever a seguinte epígrafe:

O modo com que se fala a lingua portuguesa nas terras, v. g., da Beira é diverso do com que se falla a mesma em Lisboa, porque em uma parte se usa de umas palavras e pronúncia, e em outra parte se usa de outras.

D. Jeronymo Contador D'Argote,
- *Dos dialectos da lingua portuguesa* (1725)

Trata-se do livro *Regras da Lingoa Portuguesa, Espelho da Lingoa Latina* (Contador D'Argote, Dom Jeronimo: 1725) escrito pelo Padre Dom Jeronymo Contador de Argote, “Clérigo Regular e Academico da Academia Real da Historia Portugueza” cerca de um século e meio antes de Leite de Vasconcelos se ter dedicado profundamente ao estudo da língua portuguesa, sobretudo da sua variedade.

Importa salientar a parte dedicada ao estudo dos dialectos da língua portuguesa. Está redigida, bem como o conjunto do livro, no estilo do mestre que coloca perguntas ao discípulo. O discípulo, por sua vez, apresenta a resposta.

Podemos passar a citar um pequeno excerto, mantendo a ortografia da época:

Mestre. Que quer dizer Dialecto?

D. Quer dizer modo de falar.

M. Que cousa he Dialecto?

D. He o modo diverso de fallar a mesma língua.

M. Dizey exemplo.

D. O modo, com que se falla a língua Portugueza nas terras v. g. da Beyra, he diverso do que se falla a mesma língua Portugueza em Lisboa porque em huma parte se usa de humas palavras, e pronuncia, e em outra parte se usa de outras palavras, e outra pronuncia, não em todas as palavras mas em algumas. Essa diversidade pois de fallar, que observa a gente da mesma língua, he que se chama dialecto.

(D'Argote, J. C.: 1725, 291-292).

2.1. DE LEITE DE VASCONCELOS A DOM JERÓNIMO CONTADOR DE ARGOTE (1676-1749) E DOM RAFAEL BLUTEAU (1638-1734).

A parte do livro de Dom Jerónimo intitulada “Quarta parte da Gramática portugueza”, contém o cap. I “Dos Dialectos da língua Portugueza” dedicado exclusivamente aos dialectos. É de salientar a importância deste facto e do interesse pela dialectologia portuguesa, já em 1725. Contador D'Argote considera diversas espécies de dialectos mas, em sua opinião, salienta três que designa por “dialectos locais, dialectos de tempo e dialectos de profissão”.

Os dialectos locais correspondem ao que actualmente se designa por variação diatópica (Coseriu, E.:1973) os dialectos de tempo correspondem às variações diacrónicas e os dialectos de

profissão correspondem mais às diferenças entre a língua em prosa ou em verso onde se pode antever já uma certa alusão ao estilo.

Os dialectos locais são “a diferença com que se fala a mesma língua em diversas terras da mesma nação”. Afirma **existirem muitos dialectos locais** na língua portuguesa mas salienta cinco principais: “O Dialecto da Província da Estremadura, o da Província de Entre Douro e Minho, o das Beiras e o de Trás-os-Montes”.

Importa salientar que o Autor concebe a existência de muitos dialectos locais (variação diatópica) a variação do português europeu e também refere vagamente os dialectos “ultramarinos” citando o Brasil e a Índia. Apresenta algumas características diferenciadoras, ainda que rudimentares, nos aspectos fonético e lexical. Alguns destes dialectos são posteriormente retomados por Leite de Vasconcelos.

Quanto ao aspecto diacrónico, distingue três tipos: o “antiquíssimo” que se usou até ao tempo do Rei D. Dinis; o “antigo” que se usou até à perda do Rei D. Sebastião e o português “moderno” que, em sua opinião, era o que se usava nessa época desde a perda do Rei D. Sebastião.

É também relevante, para o que hoje se designa por “área dialectal transmontana e alto minhota” (Cintra, L e F. Rei:1992) que Dom Jeronimo Contador D’Argote já nesse tempo apontava especificidades que considerava, a passamos a citar:”Há alguns lugares de Trás os Montes, e Minho, nas rayas de Portugal, que são muito bárbaros e quasi que se não podem chamar Portuguez, mas só os usa a gente rústica da quelles lugares”. (D’Argote, J. C.:1725, 295)

Estamos em crer que se referia a zonas raianas de Trás-os-Montes desde Miranda do Douro ao Barroso e Alto-Minho.

A linguagem popular também é referida pelo Autor com um certo desprezo, considerando-a: “hum modo de fallar a língua Portugueza mao, e viciado, ao qual podemos chamar Dialecto rústico, e dele usa a gente ignorante, rústica, e incivil, e dele he necessário desviar os meninos bem criados” (Idem, 299). Posteriormente, José Leite de Vasconcelos aprofundaria melhor a linguagem popular e conceder-lhe-ia um lugar bem mais importante na língua portuguesa. Fundou o Museu Etnológico, em 1895.

Se porventura Leite de Vasconcelos retoma de Jerónimo Contador D’Argote (1725) o conceito **dialecto** para a variação da língua portuguesa, essa retoma é já anterior e remonta a Dom Rafael Bluteau. Afirma Leite de Vasconcelos: “On peu employer le mot dialecte pour definir soit cês singularités, soit d’autres analogues; en effet, ce mot a déjà été employé dans notre littérature. Le P. Dom Rafael Bluteau dit dans son Vocabulário Português Latino (1712-1728).”

Cita Dom Rafael Bluteau quanto ao conceito dialecto: “Modo de fallar próprio e particular de huma lingua nas diferentes partes do mesmo Reino: o que cõsiste no accento, ou na

pronúnciação, ou em certas palavras, ou modo de declinar ou conjugar” designa-o como “les différenciations locales du portugais” (Vasconcelos, J. L.:1901, 27), muitos anos antes de Lindely Cintra ou Eugenio Coseriu.

Contudo, Leite de Vasconcelos acrescenta-lhe o conceito de **co-dialecto** como “les idiomes particuliers qui, quoique n’étant pas aujourd’hui rigoureusement portugais, sont cependant dans un intime rapport avec cette langue” (Idem, *ibidem*) remetendo para os seus estudos sobre filologia mirandesa, e apresenta outro conceito, o de **sub-dialecto** e **variedade**, “les dialectes, de même que quelques-uns des codialectes, offrent des sous-divisions secondaires, qu’on peut, si l’on veut, appeler sous-dialectes et variétés.” (Idem, *ibidem*).

Entre vários notáveis filólogos, linguistas e antropólogos, Leite de Vasconcelos destacou Adolfo Coelho (1847-1919) – que viria a proferir as célebres “Conferências do Casino” - e Gonçalves Viana (1840-1914). Considera mesmo que o primeiro fascículo – e único – de *A Língua Portuguesa, etymologia, morfologia e syntaxe* (1868) de Adolfo Coelho, como o início da filologia científica em Portugal. Leite de Vasconcelos fundou, também, a *Revista Lusitana*, em 1895.

Gonçalves Viana (1840-1914) foi também uma destacada figura como filólogo, linguista e lexicógrafo, sendo apontado como um dos maiores foneticistas portugueses. A ele se deve a primeira descrição de conjunto do sistema fonético português com “Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après de dialecte actuel de Lisbonne” (1883), separata de *Romania*, 12, pp. 29-98, posteriormente enriquecida com as correções introduzidas pelo autor em *Estudos de Fonética Portuguesa* (1973: 83-152). Contudo, é um dos pioneiros no estudo dos dialectos transmontanos com *O Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)* (1887).

Leite de Vasconcelos, retoma o conceito “dialecto” desde Dom Rafael Bluteau (1712-1728), Dom Jerónimo Contador d’ Argote (1725), Adolfo Coelho (1868) e Gonçalves Viana (1883) até o fixar em *O Dialecto Mirandês* (1883) em diversos artigos publicados na *Revista Lusitana* (1890-1892, 1895) em *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise* (1901), desenvolvendo-se posteriormente no séc. XX com as designações dialecto e falar, respectivamente em Lindley Cintra e Paiva Boléo. E fixando-se como dialecto.

Já publicara a *Carta Dialectológica de Portugal Continental* (1894) na qual distingue dialectos, subdialectos e codialectos. Em *Esquisse D’une Dialectologie Portugaise* (1901) mantém a *Carta Dialectológica* no que respeita ao português europeu e acrescenta-lhe os “dialectos insulares” (açoriano e madeirense) os “dialectos do ultramar” (brasileiro e indo-português), dialectos crioulos e o português dos judeus (de Amsterdam e Hambourg) e mantém os codialectos portugueses (galego, riodonorês, quadramilês mirandês e sendinês. Acrescenta-lhe, portanto, o galego.

Contudo, como se pode constatar no *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (1929) já apresenta uma classificação diferente. Dentro do dialecto de Trás-os-Montes reconhece distingue três variedades: Peso da Régua, Alijó e **Boticas (Barroso)**.

Considerando os aspectos filológicos, linguísticos ou dialectológicos, para os contornos mais precisos e de pormenor das diferentes investigações, contribuíram também estudos publicados por Leite de Vasconcelos em *Opúsculos* (1928, 1985), sobretudo os volumes dedicados à dialectologia, estudos de outros investigadores nos diferentes números do *Boletim de Filologia* e também por diversos autores na *Revista Lusitana*, com especial destaque para Braga Barreiros e a região de Barroso, os artigos por ele publicados nesta revista de 1915 a 1919, e a perspectiva de Paiva Boléo, no *Mapa de Dialectos e Falares de Portugal continental* (1958) elaborado em conjunto com Maria Helena Santos Silva. Considera dialectos, o guadramilês, o rionorês, o mirandês e o barranquenho» e diversos falares, entre eles o “falar transmontano” com cinco variedades: “a variedade da região de Barroso, a variedade ocidental, a variedade central, a variedade oriental e o baixo-transmontano”. Paiva Boléo mantém a especificidade linguística iniciada por Leite de Vasconcelos na região de Barroso.

EVOLUÇÃO DAS PERSPECTIVAS DE LEITE DE VASCONCELOS

Dialectos	CARTA DIALECTOLÓGICA DE PORTUGAL CONTINENTAL			
Subdialectos	(José Leite de Vasconcelos, 1894)			
Codialectos				
Dialectos	Subdialectos			
Dialecto itaramnense	subdialecto alto-minhoto	subdialecto baixo-minhoto	Subdialecto baixo-duriense	
Dialecto transmontano	subdialecto raiano	subdialecto alto-duriense	subdialecto ocidental e central	
Dialecto beirão	subdialecto alto-beirão	subdialecto baixo-beirão	Subdialecto ocidental (Coimbra e Aveiro)	
Dialecto Meridional	subdialecto estremenho	Subdialecto alentejano (e var. de Olivença e Barrancos)	subdialecto algarvio	
Codialectos Portugueses	Codialecto Galego	Codialecto riodonorês	codialecto guadramilês	codialecto mirandês

Quadro 1- *Carta Dialectológica de Portugal Continental*, José Leite de Vasconcelos (1894)

Dialectos	MAPA DIALECTOLÓGICO DE PORTUGAL CONTINENTAL (José Leite de Vasconcelos, 1929)			
Subdialectos				
Codialectos				
Dialectos	Subdialectos e variedades			
Dialecto de entre-Douro e Minho	Variedade de Felgueiras			
Dialecto de Trás-os-Montes	Variedade de Peso da Régua	variedade de Alijó	variedade de Boticas (Barroso)	
Dialecto das Beiras				
Dialecto meridional	subdialecto da Estremadura	Subdialecto alentejano	subdialecto do Algarve	
codialectos portugueses	Codialecto galego	Codialecto riodonorês	codialecto guadramilês	codialecto mirandês

Quadro 2- Mapa Dialectológico de Portugal Continental, José Leite de Vasconcelos (1929)

3. CONCLUSÃO

Dada a vasta extensão e riqueza da “área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos” (1992) tal como hoje está configurada por Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza), e dentro desta área circunscrevermos a nossa observação mais especificamente nos contornos do dialecto barrosão dentro dos dialectos transmontanos e alto-minhotos, verificámos como importantes e decisivas foram as pistas legadas pelos estudos dialectológicos de José Leite de Vasconcelos.

Como “dialectos de Trás-os-Montes”, os dialectos transmontanos são já referidos por Dom Jerónimo Contador de Argote, em 1725, sem grandes aprofundamentos.

Com estudos de pormenor, mantendo a designação “dialecto” é de referir *O Dialecto Mirandês* de Leite de Vasconcelos (1883) e o *Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)* de Gonçalves Viana (1887) e os “dialectos transmontanos” são pela primeira vez objecto de estudo de Leite de Vasconcelos publicado na *Revista Lusitana* (1890-1892, 1895).

Como “dialecto transmontano”, incluindo três subdialectos, o “subdialecto raiano”, “o subdialecto alto-duriense» e o “subdialecto ocidental e central” surgem já na *Carta Dialectológica de Portugal Continental* de José Leite de Vasconcelos, publicada em 1894.

Como “dialecto de Trás-os-Montes” incluindo três variedades, a “variedade do Peso da Régua” a “variedade de Alijó” e a «variedade de Boticas” em Barroso, registam-se novamente em José Leite de Vasconcelos mas agora no *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (1929).

Posteriormente, surge uma outra perspectiva, como a de Paiva Boléo, no *Mapa de Dialectos e Falares de Portugal continental* (1958) elaborado em conjunto com Maria Helena Santos Silva. Considera dialectos, o quadramilês, o rionorês, o mirandês e o barranquenho e diversos falares. Para este investigador, o “falar transmuntano” inclui cinco variedades: “a variedade da região de Barroso, a variedade ocidental, a variedade central, a variedade oriental e o baixo-transmuntano”. Mas volta a manter a especificidade linguística no que designa por variedade da região de Barroso.

Finalmente, após os estudos de Lindley Cintra, fixou-se o conceito “dialecto” que, em nosso entender, é uma retoma de José Leite de Vasconcelos, distinguindo diversos grupos de dialectos. Lindley Cintra elabora uma “Nova proposta dos dialectos galego-portugueses” publicada no *Boletim de filologia XXII* (Cintra. L.:1971, 81-116) e apresenta posteriormente os *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1984).

No *Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza* (1992) Lindley Cintra (Portugal) e Fernández Rei (Galiza) distinguem “dialectos galegos, dialectos portugueses setentrionais, os dialectos portugueses centro-meridionais e dialectos leoneses”. Dentro do “grupo dos dialectos portugueses setentrionais” distinguem os “dialectos transmuntanos e alto-minhotos”, como uma área, e os “dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões.”.

Nós próprios decidimos verificar *in loco* e estudar as especificidades fonético-fonológicas, lexicais, morfológicas e lexicográficas do dialecto barrosão, apontadas por Leite de Vasconcelos, inicialmente como “sub-dialecto raiano” dos “dialectos transmuntanos”, em 1894, bastante próximo das características dialectológicas do “dialecto transmuntano” considerando também o “sub-dialecto raiano” em *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise* (1901) e posteriormente como “variedade de Boticas” (Barroso), em 1929; ou como “variedade de Barroso” dentro do “falar transmuntano”, segundo a perspectiva de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, no *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* (1958). É relevante, também, o estudo de Maria José de Moura Santos (1967) *Falares Fronteiriços de Trás-os-Montes* onde assinala especificidades linguísticas na região de Barroso. Realizamos trabalho de pesquisa e de campo na região *O Falar de Barroso – O Homem e a Linguagem* (Guimarães, R. D.: 2002) tendo comprovado a existência de uma personalidade linguística própria como dialecto barrosão dentro dos dialectos transmuntanos e alto-minhotos, seguindo os indícios apontados por Leite de Vasconcelos.

Registaram-se, recentemente, duas investigações nesta área, a nível de mestrado, e no âmbito da etnolinguística com aspectos dialectológicos, e ficam em aberto outras especificidades

linguísticas e dialectais assinaladas por Leite de Vasconcelos, primeiro em 1894 e posteriormente aprofundadas em 1929, como a variedade do Peso da Régua e a variedade de Alijó, para futuras investigações ou investigadores, entre outras possibilidades de investigação que a área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos oferece.

Referências Bibliográficas

- AAVV. 1994. *Variação Linguística no Espaço, no tempo e na sociedade – Actas da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Argote, J. C d'. 1725. “Quarta Parte da Grammatica Portugueza – Cap. I Dos Dialectos da Língua Portueza” In *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Língua Latina*. Lisboa: Officina da Musica.
- Alvar, M. 1961. “Hacia los conceptos de lengua, dialectos y hablas”. In *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 15. Madrid.
- Bluteau, D. Raphael. 1712-1713, 1727-1728. *Vocabulário Português e Latino*. Lisboa: Off. Da Musica.
- Boléo, M. P. 1942. *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses (um inquérito linguístico)*. Coimbra: Universidade.
- Boléo, M. P. 1954. “Unidade e variedade da língua portuguesa”. In *Revista de Filologia XX*. Lisboa.
- Boléo, M. Paiva e M. H. Santos Silva. 1958. *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal continental*. Coimbra: Universidade.
- Boléo, M. Paiva e M. H. Santos Silva. 1962. “Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental”. In *Boletim de Filologia XX*. Lisboa.
- Casteleiro, Malaca. 1975. “Aspectos do português falado no interior do país”. In *Boletim de Filologia XXIV*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Cintra, Lindley. 1971. “Nova proposta dos dialectos galego-portugueses”. In *Boletim de Filologia, XXII*, pp. 81-116. Lisboa.
- Cintra, Lindley. 1984. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Cintra, Lindley. 1984. *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Cintra, Lindley e F. Rei. 1993. “Mapa dos dialectos portugueses e galegos”. In *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses / IN-CM / União Latina.

- Ferreira, M. H. B., E. Carrilho, M. Lobo, J. Saramago, L. S. da Cruz. 1996. “Variação linguística: perspectiva dialectológica” In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, C. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Guimarães, R. Dias. 2002. *O Falar de Barroso – O Homem e a Linguagem – Fonética, Léxico*. Mirandela: João Azevedo Editor.
- Chambers, J. K. e P. Trudgill. 1980. *Dialectology*. London: Cambridge University Press.
- Coseriu, Eugenio. 1956. *La geografia linguística*. Montevideo: Universidad de la República.
- Coelho, Adolfo. 1868. *A Língua Portuguesa, etymologia, morfologia e syntaxe*.
- Lourenço, Eduardo. 1993. “A via láctea da lusofonia” In *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses / IN-CM / União Latina.
- Vasconcelos, J. Leite de. 1890-1892, 1895. “Dialectos transmontanos”. In *Revista Lusitana*, vol. II, pp. 97-120, vol. III, pp. 57-72. Lisboa.
- 1893. *Carta Dialectológica do Continente Português*. Lisboa.
 - 1882. *O Dialecto Mirandez*.
 - 1901. *Esquisse D'une Dialectologie Portugaise*. Paris. Université. (Edição portuguesa. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, , 3ª ed. 1987.).
 - 1886. *Línguas Raianas de Trás-os-Montes*. Porto.
 - 1897. *Mapa dialectológico do continente português*. Sep. publicada em F. Deusado. *Chorografia de Portugal*. Lisboa.
 - 1900-1901. *Estudo de Filologia Mirandesa*, 2 vls. Lisboa.
 - 1929. *Mapa Dialectológico Português*. Publicado em *Opúsculos – Filologia*, vol. IV, parte 2ª. Coimbra.
- Viana, Gonçalves. 1883. *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. Sep. De *Romania*, 12, pp. 29-98.
- 1887. *O falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)*.
 - 1973. *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa.